



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## LAZER, FUTEBOL E A TENSÃO SOBRE O TERMO “MACACO” NO JOGO “PRETO X BRANCO”

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

### RESUMO

*Este artigo objetiva interpretar as tensões sobre o termo “macaco” a partir de jogo de futebol “Preto X Branco”. Para tanto, o autor se valeu da memória dos participantes e aquela registrada na mídia escrita e televisiva sobre o evento. Concluiu que o “Preto X Branco” é uma arena de disputa em torno dos estereótipos sobre a “raça negra”.*

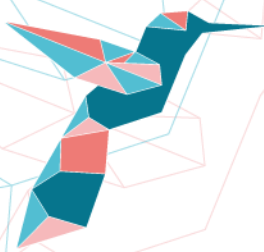
*Palavras-chave: futebol; lazer; estereótipos raciais.*

### INTRODUÇÃO

O futebol é uma modalidade profundamente vinculada ao lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira. Uma destas tradições, que compõe um capítulo especial da diversidade cultural do futebol no Brasil, é vivenciada desde 1971 em São Paulo, capital, no bairro São João Clímaco. Em um dos domingos que antecedem ao Natal são vivenciados jogos de futebol no espaço/ tempo de lazer por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outras de jogadores que se autodeclaram “brancos”: é o jogo do “Preto X Branco”.

Denominado pelo próprio grupo de “encontro entre amigos Preto X Branco”, como se pôde ler em faixas e canecas de chope alusivas ao evento, esses jogos de futebol possui todos os ingredientes do “futebol de várzea”. No dia comemorativo ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Tais características fazem desse evento um ritual privilegiado para a ebulição de diferentes significados sobre o debate racial na sociedade brasileira através de uma modalidade esportiva profundamente vinculada ao lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira.

Melo e Alves Jr. (2003) entendem que as manifestações da cultura popular são tão importantes quanto qualquer outra para interpretamos a cultura da sociedade na qual elas



estão inseridas, uma vez que refletem os valores, as normas e os hábitos que regem a vida humana em sociedade. Todavia, não devemos pensar que tais manifestações são vivenciadas num clima de total harmonia. Ao contrário. Por se tratar de cultura, estamos lidando com “algo tenso, construído do diálogo e conflito, de trocas, manipulações e embates” (*idem*, p.25).

O futebol é um palco fértil para as dramatizações sobre as representações das raças e uma arena de disputa em torno das formas de representá-las na sociedade brasileira. Longe de ser um limite, o futebol parece-nos um espaço propício para investigar as relações raciais na cultura brasileira na medida em que, a partir do ritual do jogo, é possível perceber como se condensam e se manifestam sentimentos e valores que na dinâmica da sociedade brasileira seriam censurados pelo medo de represálias morais e legais. No plano esportivo as representações socialmente construídas sobre a “raça negra”, que seriam moralmente censuradas no cotidiano, são expressas com menor pudor.

Neste sentido o jogo “Preto X Branco” vivenciado no momento de lazer se configura um espaço de dramatização da disputa em torno das representações sobre pretos e brancos na cultura local. Nessa direção, este artigo objetiva interpretar os tensionamentos em torno do termo macaco partir deste jogo de futebol vivenciado no tempo de lazer dos seus praticantes. O jogo “Preto X Branco” proporciona um manancial de dados empíricos para analisar as relações entre a especificidade do racismo na sociedade brasileira e o futebol. Em função disso foi elaborado um roteiro de entrevistas e agendado um encontro com esse grupo para o sábado de 1º de agosto de 2009. Viajei para São Paulo tendo como destino o Clube da Comunidade, situado à rua Professor Silas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá, onde fica o Estádio Benedito Sapateiro, local de realização dos jogos. Lá é a sede e o ponto de encontro do Grêmio Esportivo Flor de São João Clímaco, uma entidade que compõe o quadro do futebol de “várzea” da cidade de São Paulo.

Os idealizadores desses jogos se encontram lá aos sábados, onde também há um bar, o “Bar do Chuchu”. É naquele pedaço que os organizadores dos jogos vivenciam uma parte significativa do seu tempo livre, utilizando-o para, principalmente, beber cerveja, conversar sobre futebol e observar as partidas que ocorrem no campo, que fica em frente ao bar. Nesse encontro descobri que não estava apenas diante de um jogo exótico em nossa sociedade. Tal jogo representava uma forma de sociabilidade situada numa espacialidade geográfica repleta



de significados para os protagonistas desse jogo.

Assumi uma atitude investigativa, inspirados em Ginzburg (2002), em busca de pistas que me ajudassem a interpretar o significado destes jogos e de relações que o tema do racismo estabelece com aquele pedaço de sociabilidade. Fontes que a princípio poderiam ser consideradas secundárias ou parecer irrelevantes se transformaram em pistas de investigação para tentar tornar inteligíveis os significados desse jogo ritual e as relações raciais relacionadas a ele. A memória acumulada sobre aquele grupo registrada na mídia escrita e televisiva foi apropriada para auxiliar a pensar os significados daquele pedaço de lazer e sociabilidade que evidenciava as tensões nem sempre visíveis sobre as raças.

Diferentemente da maioria dos clubes de futebol comunitário, que não possuem apelo e visibilidade junto à grande mídia, a tradição constituída em torno do tema da raça ou cor da pele transformou esse evento em pauta para matérias de diversos meios de comunicação interessados em apresentar aquele exótico evento. São elas:

- a) Matéria publicada pela revista *Trip* no dia 17/04/2003;
- b) Documentário para a *TV Cultura* sobre o jogo intitulado “Preto X Branco”;
- c) Matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, na qual um jornalista, consubstanciado pelo documentário, fez menção ao jogo;
- d) Matéria do *Jornal da Tarde*, no dia 12/12/2009, com uma página inteira destinada ao evento, apresentando o jogo por meio do resgate da memória sobre alguns dos seus principais atores, quais sejam: árbitro, organizadores, jogadores;
- e) Matéria da revista *Placar*<sup>1</sup>, da edição de março de 2010;
- f) Reportagem da *Rede Bandeirantes de Televisão*, exibida pelo programa dominical “Band Esporte Clube” no dia 24/01/2010.

A fim de ampliar meu olhar sobre o “Preto X Branco”, adicionei a estas fontes entrevistas semiestruturadas realizadas com o diretor do documentário e com 15 organizadores e participantes dos jogos, assim divididos segundo a autodeclaração dos entrevistados: 5 pretos, 8 brancos, 1 amarelo. Também foi entrevistado o presidente do Clube da Comunidade, que deu nome ao estádio onde são realizados os jogos. Além de realizar as entrevistas, auxiliei na preparação do festival de 2009 e participei do jogo de abertura,

---

<sup>1</sup> Revista publicada mensalmente pela Editora Abril, que, há 40 anos, dedica-se prioritariamente ao tema “Futebol”.



realizado no dia 20 de dezembro, na condição de jogador do time dos pretos. Participei ainda das festas de confraternização, ao som de uma roda de samba, promovidas nos dias 13 e 20 de dezembro<sup>2</sup>.

A partir do contato com essas fontes elenquei alguns eixos de análise. Aquilo que fosse profícuo para a compreensão do jogo, bem como para tornar inteligível a interpretação sobre o “racismo à brasileira” naquele pedaço, foi levado em consideração e, contrastado às outras fontes. Para esse artigo, somente foram utilizadas as fontes que possibilitaram compreender, através do “Preto X Branco”, os tensionamentos em torno do termo “macaco”.

## O TERMO “MACACO” NO FUTEBOL E NO “PRETO X BRANCO”

Nos séculos XVII e XVIII havia muitos discursos sobre a natureza animal dos negros, sobre sua sexualidade animalesca e sua natureza brutal (THOMAZ, 1988, p. 50). Thomaz (1988) mostra como foi estabelecida uma distinção entre a categoria “homem” e a categoria “mundo natural”: a humanidade teria domínio sobre a natureza e os outros seres. Essa dominação era justificada pela crença de que os direitos dos homens deveriam prevalecer sobre as “criaturas inferiores”. A natureza – o meio ambiente e os seres – seriam passivos perante a ação desmedida e ativa do homem.

Os adjetivos relativos à “identidade humana” foram construídos em comparação à “identidade animal”. O “homem” contrasta com o “animal”, e o traço que vai distinguir a identidade de ambos é a intelectualidade: “o homem seria o único animal dotado de inteligência”, salienta Thomaz (1988, p. 50) citando o bispo Cumberland. Instalara-se, dessa forma, um corte absoluto entre o homem e o restante da natureza, limpando o terreno para o exercício ilimitado da dominação humana. A associação da “raça negra” à categoria “mundo animal” - metonimizada nos “macacos” - remete a uma suposta ancestralidade símia: a espécie humana teria evoluído da condição de macacos para a de *homo sapiens*, isto é, aqueles seres dotados de inteligência. Essa representação denota que a “raça negra” ainda não teria atingido essa condição superior. Comparados à “raça branca”, os negros, a partir destas representações, seriam atrasados do ponto de vista intelectual.

<sup>2</sup> Em 2009, o evento foi inicialmente marcado para o dia 13 de dezembro. No entanto, esse dia amanheceu com muita chuva e isso fez com que o evento fosse transferido para o domingo seguinte, dia 20.



Todo campo cultural tem seus controles e expectativas simbolicamente atribuídos às construções de identidade. São os sistemas simbólicos que informam a produção dos significados e a forma como a diferença é marcada em relação à identidade. Se um grupo tem o “poder de nomear” e isso permite diferenciá-lo dos “outros” através do termo “macacos”, ele está, por contraste, afirmando que o seu grupo é humano. Se compreendermos que os indivíduos se recordam de acordo com as estruturas e os quadros sociais que os antecedem, a atualização das representações sobre a “raça negra”, a partir de metonímias relacionadas aos “macacos” como sons, cânticos e bananas, sugere uma proximidade desta raça ao mundo animal/natural.

Em última instância, essa polarização indica uma das formas de identificação da “raça negra”. Diferentemente dos *homo sapiens*, categoria pensada para a “raça branca”, as representações hegemônicas sobre a “raça negra” sugerem que os negros seriam desprovidos de “racionalidade”, enquanto os primeiros seriam dotados de inteligência. O lugar social que as representações destinam aos negros é distinto daqueles considerados “superiores” ou “intelectuais”, como a ciência, a política ou os negócios, enfim, os cargos diretivos ou de prestígio.

Apesar da tendência à assimilação, o prestígio e o poder permanecem próximos dos valores dominantes herdados do passado e encarcerados pela ordem branca através da utilização dos estereótipos (ARRUDA, 1998). As representações construídas sobre o corpo negro refletem os dramas da hierarquização social após o dia 13 de maio de 1888, data que inaugura um momento da vida brasileira em que seus cidadãos são equiparados juridicamente. Depreende-se daí que a perpetuação das representações estereotipadas sobre a raça negra que a aproximam do mundo animal/ natural faz parte das estratégias utilizadas para a reprodução “informal” dos preconceitos, uma das características principais do “racismo à brasileira”.

Desde 2004 o cenário esportivo está convivendo frequentemente com manifestações que traduziam estereótipos que povoam o imaginário acerca da raça negra. Nos estádios de futebol do Brasil e do exterior os jogadores que eram considerados negros ou mestiços vinham sendo apupados através de sons, símbolos ou onomatopéias relacionadas ao mundo animal/natural, através da figura dos “macacos”<sup>3</sup>. No ano de 2014 assistimos a ofensas a jogadores como Tinga e Arouca, além do goleiro Aranha. Verbalizados na ocasião da Copa

---

<sup>3</sup> Ver Abrahão (2010).



do Mundo de Futebol, tais apupos reacenderam a discussão sobre a presença do racismo no país-sede da Copa. Essas representações estereotipadas sobre a “raça negra” foram acionadas nos momentos de conflito durante partidas que eram disputadas no âmbito do futebol espetacularizado. Todavia, essas formas de representação não ficaram circunscritas ao futebol profissional manifestando-se também no futebol praticado no âmbito do lazer, como no “Preto X Branco”.

Embora haja relatos de participantes com boas condições econômicas, podemos arriscar, pelos dados colhidos sobre os entrevistados com relação ao grau de educação formal, profissão e renda que não há uma variação significativa de classe social entre os participantes. Brancos, pretos, mulatos e amarelos vivem na periferia de São Paulo, especificamente no bairro de São João Clímaco ou nas suas proximidades, sem que exista alguma variação de renda que possa ser interpretada como significativa entre os participantes.

Não obstante o fato de estarem equiparados em termos de classe social, o ritual esportivo do “Preto x Branco” revela a forma de diferenciação interna sobre os primeiros. Consubstanciada na cor, além de outros marcadores sociais como etiqueta, educação, entre outros, os jogadores dos times dos pretos são chamados de macacos ou são relacionados a símbolos que identificam aquela espécie do mundo animal/natural. Antes de serem brincadeiras, as manifestações podem revelar marcas ou índices dos preconceitos enraizados em nossa cultura.

Pacote, o árbitro do jogo que se autodeclara preto, questionado sobre como era ofendido pela torcida, disse que em caso de discordância em relação a alguma de suas marcações os torcedores chamavam-no de “macaco, juiz ladrão”. Em São João Clímaco essas formas de representação se manifestam contra os pretos independentemente de eles serem árbitros ou não. Os jogadores são alvos dessas mesmas manifestações. O entrevistado 10 disse que os brancos xingam os pretos de “negrão, macaco, não sei o quê, e coloca caixa de banana atrás do gol”.

Por exemplo, Zé Lauro Pereira, diretor do Flor de São João Clímaco, disse na revista *Trip*:

Os caras tiram sarro mesmo. Até caixa de banana a gente já trouxe para jogar para os preto”. Durante a entrevista que nos concedeu, o Sr. Zé Lauro reforça os argumentos sobre as ofensas quando nos diz que elas fazem parte do “preto x branco”: “Ofendido é, xinga mesmo. (...) Xinga de tudo, você



não pode nem escrever do que xinga. Xinga mesmo, filha da puta não sei que lá, se é preto chama de macaco é assim. (REVISTA *TRIP*, 17/04/2003, p. 66).

A equipe do documentário visitou André, um jogador do time dos pretos, e “Camarão”, do time dos brancos. O primeiro disse: “Por eles estarem ganhando sempre, né, eles tiram muito sarro da gente. Ah, eles levam banana, eu não gosto, macaco eu não gosto”. Camarão, jogador que atua no time principal dos brancos, disse a André: “Vou comprar uma máscara de macaco, né, banana, e guardar. E quando eu fizesse um gol eu iria brincar. Mas tudo na brincadeira. Sem tirar sarro de ninguém, da cor, de nada” (MORALES, 2004).

No bar onde o grupo estava reunido para a filmagem do documentário, Eduardo fez um comentário: “Quem é bom para contar piada de pretos é o Zé Lauro”. O Sr. Wilson, apelidado de “Pneu”, retruca: “Não tem essa de piada de preto, não. Que negócio de piada de preto?”. Mesmo contrariando um dos organizadores dos jogos surgiram algumas piadas e brincadeiras, como as que seguem: “Domingo machucou um jogador dos negros e eu pedi para chamar o veterinário”, “leva um cacho de banana lá domingo, é ouro pros cara”, “os preto quando estão tudo de brinquinho ninguém deve mexer porque está sendo controlado pelo Ibama” (MORALES, 2004).

Nitidamente constrangido com as brincadeiras na frente das câmeras, Pneu deixou o recinto. Numa outra cena o diretor procurou Pneu para que ele justificasse sua retirada no momento em que estavam sendo gravadas piadas racistas, ainda que a filmagem não estivesse ocorrendo com aquele propósito:

Nós não queremos que seja transmitido dessa forma. Porque senão nós vamos sofrer, a entidade vai sofrer sanções. Não, eu não tenho medo de nada. Eu não quero que converse coisas pejorativas. Eu não quero. Eu sou um senhor. O intuito da nossa brincadeira é confraternização. Não pode piorar nem preto nem branco, nem nada. Não tem piada racista porque o contexto não é racista. (MORALES, 2004).

O próprio Pneu disse em outro momento do documentário: “A ciência da coisa é que nós somos amigos. O fundamental da coisa”. É importante relatar uma situação vivida com o Sr. Wilson, apelidado de Pneu. Enquanto entrevistava o Sr. Pedro, apelidado de Litão, o Sr. Wilson interveio e perguntou qual era a finalidade daquela entrevista, e se não se tratava de uma entrevista de cunho comercial. Respondi que não, que ela tinha uma finalidade



acadêmica de compreender o racismo no futebol. Ele respondeu que havia passado os direitos de imagem para a *TV Cultura* na ocasião do documentário e complementou enfaticamente que “de antemão, o futebol nosso aqui não tem cunho racista, não. Não vai você depois deturpar o conhecimento como jornalista, hein? Porque os pessoal (sic) associou a gente ao Heliópolis, associou de cunho racista e nós não temos esse intuito, hein?”.

O “Preto X Branco” pode ser interpretado como arena de manifestações dessas representações circulantes na cultura e um palco de disputa em torno das formas de representação sobre brancos e pretos na cultura brasileira. Jodelet (1989) explica o processo de construção das representações. Para a autora, as representações podem ser explicadas pelos processos de “objetivação” e “ancoragem”. O primeiro é decomposto em fases<sup>4</sup> que manifestam o efeito da comunicação e das pressões ligadas à pertença social dos sujeitos, sobre a escolha e a organização dos elementos constitutivos da representação; o segundo enraíza a representação em seu objeto numa rede de significações que lhe permite situá-los em relação aos atores sociais e dar-lhes coerência. A formulação dessas questões (JODELET, 1989, p. 28) nos ajuda a compreender esse movimento: “quem sabe e de onde sabe?”; “o que sabe e como sabe?”; “sobre o que sabe e com que efeitos?”. São questionamentos que desembocam em três ordens de problemáticas sobre as condições de produção e circulação das representações, os processos e estados pelos quais tais representações circulam e o estatuto epistemológico das representações.

O “Preto X Branco” pode ser interpretado como arena de manifestações dessas representações circulantes na cultura e um palco de disputa em torno das formas de representação sobre os pretos na cultura brasileira. Simbolizados através das imagens dos “macacos” ou inscritas no “mundo natural/animal”, quais sentidos assumem os estereótipos construídos sobre a “raça negra” que são acionados através do futebol? Se a memória é objetivada nas representações, quais sentidos assumem a rememoração da “raça negra” ancorando-a no mundo “animal” ou “natural”, sobretudo nos momentos de conflito? Se para se lembrarem os indivíduos necessitam da memória coletiva, quais interesses justificam a lembrança das representações internalizadas na cultura brasileira que associam o “negro”, enquanto categoria antropológica de análise, às imagens dos “macacos” ou das “bananas”?

<sup>4</sup> Quais sejam: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização.





Se as identidades raciais são construídas simbolicamente ao sabor das relações de poder que um grupo social estabelece em oposição a outros, as reminiscências das idiossincrasias que homogeneizam e inferiorizam a “raça negra” se valem da utilização das categorias “animal/natural”. Acionar os símbolos “macaco” ou “banana” quebra um constrangimento moral de silêncio em relação à mácula da escravidão que inferiorizava a “identidade negra”. Os sentimentos provocados pelos apupos que inferiorizam a “raça negra” em relação à “branca” comprometem os princípios da igualdade entre aqueles que coabitam um mesmo espaço social.

Mesmo com a abolição, a discriminação não desapareceu da história social do Brasil. A ausência de leis que fizessem menção à segregação fez com que, na sociedade brasileira, a discriminação fosse exercida de maneira mais sutil, de modo que a discriminação ocorresse em espaços não formalizados (Schwarcz, 2003). Para a autora, ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída ao “outro”:

Seja da parte de quem age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre o preconceito, é difícil admitir a discriminação e não o ato de discriminar. Isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma garantia de universalidade e igualdade de leis, que lançam para o terreno privado o jogo da discriminação (SCHWARCZ, 2003, p. 181).

Como efeito, podemos observar que o futebol no Brasil revela a coexistência de um racismo presente, mas não assumido, e um anti-racismo miscigenacionista, cunhado nos termos da “democracia racial”, que tomam o futebol como um modelo positivo para pensar as relações étnico-raciais na sociedade brasileira. Talvez, em função disso, as manifestações de racismo no espaço do futebol, nas quais jogadores reconhecidos pelos adversários como negros ou mestiços têm sido agredidos verbalmente através de sons, símbolos e onomatopeias referentes aos “macacos”, são recebidos com tanto repúdio<sup>5</sup>. Não apenas porque se valem das antigas hierarquizações entre países, povos e etnias construídas ao longo do Século XX, mas, sobretudo, porque agredem as demandas de consolidação dos valores de igualdade no ocidente. No caso brasileiro, essas agressões ilustram a contradição do reconhecimento do racismo no país da “democracia racial”.

---

<sup>5</sup> Ver Abrahão (2010).



Na sociedade brasileira, coexiste a contradição de, por um lado, um racismo presente, mas não assumido e, por outro, um anti-racismo declarado mas não efetivado, cunhado nos termos da “democracia racial”. O racismo é amplamente reconhecido na sociedade brasileira, embora ninguém se assuma racista. Por outro lado, há um coro de vozes, de que, no Brasil, não há racismo. Quando existe, é amplamente repudiado como nas manifestações de reprovação que emergiram através do “Preto X Branco” que emitem a mensagem cultural que não admitimos o racismo no Brasil da “democracia racial” ainda que seus reflexos persistam na vida privada de muitos daqueles que são identificados à “raça negra”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de tais representações terem emergido durante o conflito proporcionado pelo ritual esportivo mostra como a “raça” é uma moeda acionada para incluir ou excluir, isto é, desigualar aqueles que são iguais no plano das leis, sejam elas civis ou esportivas. Apesar do mito identitário da “democracia racial”, persistem no Brasil manifestações racistas que estão inscritas na memória coletiva brasileira e que emergem em situações de disputa sob a forma de idiosincrasias sobre as “raças”, que relembram as “diferenças” daqueles que fazem parte de um país democrático e liberal. Heranças de um passado escravocrata, as formas de representação da “raça negra” através do futebol dramatizam as tensões entre os membros de uma sociedade competitiva, constrangida pelos princípios de uma ordem liberal e igualitária.

Genética, “raça” e identidades, com suas diversas interseções, caminham no fio da navalha (SANTOS *et al.*, 2005-2006). No caso brasileiro, as “raças”, ao longo do tempo, se configuraram categorias cognitivas herdadas pela apropriação da memória pela história. Em uma inter-relação dinâmica, as identidades individuais e coletivas se formam através de um processo diacrônico e sincrônico da vida em sociedade. A marcação da diferença ocorre por meio de sistemas simbólicos de representações sobre os grupos opostos. Essas abordagens da memória permitem compreendê-la como responsável por processos de inclusão e exclusão no corpo social.

O futebol vivenciado no âmbito do lazer através da experiência do “Preto X Branco” revela os dramas da rememoração destes estereótipos. Sendo um espaço frequentado por pretos, brancos, pardos e amarelos devemos pensar que o “Preto X Branco” é um palco de



manifestações de preconceitos sobre a “raça negra” e de repúdio em relação a este sentimento por considerar ultrajante para quem serve e ser visto como degradante para quem pratica.

Finalizo este texto relatando minha experiência no dia 20 de dezembro. Confesso que pensei que escutaria muitos apupos contra os pretos, chamando-os de macacos, uma vez que essa forma de identificação já havia sido denunciada pelas fontes que se ocuparam do evento, como, por exemplo, o documentário e a reportagem da revista *Trip*, além das entrevistas realizadas em agosto de 2009. Todavia, contrariando minhas expectativas iniciais, não escutei essa verbalização, tampouco vi bananas jogadas no campo ou jogadores comemorando gols imitando macacos. Enquanto jogava não escutei nada a esse respeito.

Quando sentei na arquibancada para assistir aos três jogos que se seguiram ao jogo do primeiro quadro, escutei um único comentário proferido por um torcedor no segundo jogo, num momento de ataque do time dos pretos. “Puxa o rabo dele”, dizia esse torcedor, em tom de brincadeira, se referindo ao jogador do time dos pretos que, de posse de bola, atacava o time dos brancos. Esse único comentário não foi acompanhado de nenhuma reação de aprovação ou reprovação por aqueles que estavam próximos. O silêncio foi a melhor resposta para aquela brincadeira sem graça.

#### LEISURE, FOOTBALL AND TENSION ABOUT THE TERM “MONKEY” IN THE GAME “BLACK VS. WHITE”

##### *ABSTRACT*

*This article aims to interpret the tension on the term “monkey” from football game “White X Black”. Therefore, the author made use of the memory of the participants and the event recorded in the written and broadcast media and concluded that the “White X Black” is a dispute arena around the stereotypes about the “black race”.*

*Keywords: football; leisure; racial stereotypes.*

#### ÓCIO, FUTBOL Y TENSION EN EL TÉRMINO “MONO” EN LO JUEGO “NEGRO X BLANCO”

##### *RESUMEN*



*El presente artículo tiene como objetivo interpretar la tensión en el término "mono" en lo juego "Negro X White". Por lo tanto, lo autor hice uso de la memoria de los participantes y el evento registrado en los medios de comunicación escrita y transmitida e legó a la conclusión de que el "White X Negro" es un escenario de disputas en torno a los estereotipos sobre la "raza negra".*

*Palabras clave: fútbol; ócio; estereotipos raciales*

#### REFERÊNCIAS:

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. O "preconceito de marca" e a ambiguidade do "racismo à brasileira" no futebol. 391 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2011.
- ARRUDA, Ângela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: Arruda, A. (Org.) Representando a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1998, p.17-46.
- D'ADESKY, J. Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil. Pallas: Rio de Janeiro, 2005.
- GINZBURG. C. Relações de força: histórica, retórica e prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: Jodelet, D. Representações sociais, EDUERJ, 2001.
- MELO, V. A.; ALVES Jr.; E. D. Introdução ao lazer. Barueri, SP: Manole, 2003.
- SANTOS, R. V.; Bortolini, M. C.; Maio, M. C. No fio da navalha: raça, genética e identidades. In.: Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 22-35, Dezembro/Fevereiro 2005-2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil. São Paulo: Publifolha, 2003.
- THOMAZ, Keith. O homem e o mundo natural. Companhia das letras: São Paulo, 1988.

#### Documentário:

- MORALES, W. Preto X Branco [filme-documentário]. São Paulo: TV Cultura, 2004.